

CORREIO ECONÔMICO



Agência de notícias da indústria

Venda externa da indústria de transformação sobe 15,2%

Balança comercial tem superávit de US\$ 1,857 bi

Como resultante de exportações de US\$ 6,708 bilhões, contra importações de US\$ 4,851 bilhões, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 1,857 bilhão na 2ª semana de novembro, informou, nessa segunda-feira (11), a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex/MDIC), ao apontar supe-

rávito de US\$ 2,452 bilhões no mês e de US\$ 65,474 bilhões, no ano. Na 2ª semana de novembro, a média diária de exportações subiu 3%, para igual período de 2023, devido à queda de US\$ 62,42 milhões (20,7%) em Agropecuária; recuo de US\$ 5,54 milhões (-1,5%) em Indústria Extrativa e crescimento de US\$ 108,31 milhões (15,2%) da Indústria de Transformação.

Importações

Já as importações (alta de 7,6% no mesmo comparativo), refletiram o avanço de US\$ 1,98 milhões (11,2%) em Agropecuária; queda de US\$ 16,14 milhões (-27,8%) em Indústria Extrativa e aumento de US\$ 86,83 milhões (10,0%) em produtos da Indústria de Transformação.

Acumulado do ano

No acumulado do ano (de janeiro até a 2ª semana de novembro), a corrente de comércio brasileira alcançou US\$ 520,7 bilhões, em decorrência do fato de as exportações atingirem US\$ 293,1 bi e as importações de US\$ 227,6 bi, que tiveram saldo positivo de US\$ 65,5 bilhões.



Divulgação site Gedaf

Recorde, carteira de crédito atingiu R\$ 550,3 bilhões

Lucro do BNDES aumenta 31,4% e atinge R\$ 19 bilhões

Ao apresentar crescimento anual de 31,4%, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), BNDES registrou lucro de R\$ 19 bilhões, no período entre janeiro a setembro deste ano, pois, em igual período de 2023, o banco lucrava R\$ 14,4 bilhões. Só a carteira de crédito atingiu, em igual período

de analisado, R\$ 550,3 bilhões, maior cifra, desde dezembro de 2017. A carteira de crédito expandida – financiamentos, debêntures e outros ativos de crédito – somou R\$ 550,3 bilhões, 6,8% acima de dezembro de 2023 (68,2% dos ativos totais). Os resultados foram divulgados, nessa segunda-feira (11) pelo banco de fomento.

Indústria

Entre setores, os créditos concedidos à indústria é que tiveram maior crescimento, de 108% para 2023 (R\$ 37 bi). Ante igual período de 2022, o setor cresceu 263%, com aprovações de R\$ 10,2 bi. Na agropecuária, as aprovações foram de R\$ 35,1 bi (alta anual de 15,5%).

Infraestrutura

No setor de infraestrutura, as aprovações somaram R\$ 40,8 bilhões, alta anual de 8,6% e de 92% sobre 2022 (R\$ 21,2 bilhões). Já no setor de comércio e serviços, as aprovações totalizaram R\$ 24,5 bilhões, o que representa uma alta anual de 87% e de 122% ante 2022 (R\$ 11 bi).

Novo recorde

Ao exportar 4,926 milhões de sacas de 60 kg de café, em outubro, o Brasil bateu novo recorde para um mês, superando novembro de 2020, (4,770 milhões de sacas). Já a receita cresceu 62,6% (US\$ 1,393 bi), segundo o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

Receita sobe

Em outubro, o Brasil elevou para 17,075 milhões de sacas o volume de café exportado nos quatro primeiros meses do ano safra 2024/25 (receita de US\$ 4,529 bi). Ante o período de julho a outubro de 2023, a alta foi de 17,9% em volume e de 58,1% em receita cambial.

Pela sexta vez seguida, Focus eleva IPCA para 2024

Projeção da inflação pelo mercado foi de 4,59% a 4,62%; PIB pára em 3,1%

Divulgação site IDEME

Por Marcello Sigwalt

Pela sexta vez seguida, o Boletim Focus – consulta semanal do Banco Central (BC) às 100 maiores instituições financeiras do país – elevou a projeção do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), para 2024, desta feita, de 4,59% para 4,62%, o que consolida, ainda mais, o ‘estouro’ da meta de inflação, fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), em 4,5%, para este ano.

Para o ano que vem, a previsão inflacionária, igualmente, subiu, de 4,03% para 4,10%, ao passo que, para 2026, esta cresceu de 3,61% para 3,65%. Única exceção para 2027, mantida em 3,50% há 71 semanas. As informações foram divulgadas, nessa segunda-feira (11), pela autoridade monetária.

Em contraste com a marcha crescente da inflação, a estimativa do mercado para a economia este ano estagnou nos mesmos 3,10% anteriores.

Para 2025, esta subiu ligeiramente, indo de 1,93% para 1,94%. Parada em 2% também



Descontrole fiscal está na raiz do avanço firme da taxa oficial de inflação de 2024

ficou a ‘aposta’ para 2026, mesmo percentual mantido, há 68 semanas, para 2027.

Moderada foi a expectativa do Focus em relação à Selic (taxa básica de juros), mantida, há seis semanas, em 11,75% ao ano, o mesmo para 2025, em 11,50% ao ano. Esta subiu de 9,75% ao ano para 10% ao ano para 2026, mas se estabilizou

em 9,25% ao ano, para 2027. Coerente com a escalada cambial, o boletim elevou, de R\$ 5,50 para R\$ 5,55, a previsão do dólar para 2024.

O mercado manteve o resultado primário em -0,60% do PIB (pela décima semana seguida), assim como a estimativa para 2025, ‘estacionada’ em -0,70% do PIB. ‘Imexível’ ficou

em -0,50% do PIB a previsão para 2026, em -0,30% do PIB para 2027.

Referência para avaliação da gestão econômica, a projeção da dívida líquida do setor público para 2024 ficou em 63,50% do PIB, mas caiu de 66,66% para 66,64% do PIB para 2025, e para 2026, de 69,22% do PIB para 69,11% do PIB.

Dívida pública ‘bate’ 78,3% do PIB

A dívida líquida do setor público – balanço entre o total de créditos e débitos dos governos federal, estaduais e municipais – chegou a R\$ 7,117 trilhões em setembro, o que corresponde a 62,4% do PIB. Em agosto, o percentual da dívida líquida em relação ao PIB estava em 62% (R\$ 7,026 trilhões).

No mês de setembro deste ano, a dívida bruta do governo geral (DBGG) – que contabiliza apenas os passivos dos governos

federal, estaduais e municipais – chegou a R\$ 8,928 trilhões ou 78,3%, com redução em relação ao mês anterior, em termos de percentual do PIB (R\$ 8,898 trilhões ou 78,5% do PIB). A dívida bruta é usada para traçar comparações internacionais.

Já as contas públicas fecharam o mês de setembro com saldo negativo, resultado do déficit em todas as esferas: Governo Central, governos regionais e empresas estatais. O setor

público consolidado – formado pela União, pelos estados, municípios e empresas estatais – registrou déficit primário de R\$ 7,340 bilhões no mês de setembro.

O valor é menor que o resultado negativo de R\$ 18,071 bilhões registrado no mesmo mês de 2023. Nessa comparação interanual, houve melhora nas contas do setor público consolidado em razão da melhora nas contas do Governo

Central, ainda que continue com déficit. No caso dos governos regionais, houve piora no déficit.

As Estatísticas Fiscais foram divulgadas nessa segunda-feira (11) pelo Banco Central (BC). No acumulado do ano, o setor público consolidado tem déficit primário de R\$ 93,561 bilhões. Em 12 meses, contados até setembro deste ano, o resultado negativo é de R\$ 245,605 bilhões.

‘Resiliente’ à crise fiscal, bolsa sobe

Divulgação site Abefin

O Ibovespa hoje fechou em leve alta, com investidores ainda à espera do pacote de corte de gastos do governo federal. Nesta segunda-feira (11), a principal referência da B3 terminou o pregão em alta de 0,03%, aos 127.873,70 pontos, após oscilar entre máxima a 128.095,17 pontos e mínima a 127.306,45 pontos.

“Mercado bem volátil por aqui desde a abertura. É uma semana que ainda conta com indicadores relevantes, então vale a pena ficar atento aos dados que vão sair. Hoje a gente teve o efeito do Trump Trade, com o dólar subindo no mundo”, afirma Rodrigo Cohen, analista de investimentos e co-fundador da Escola de Investimentos, destacando que a expectativa de que o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, irá implementar políticas protecionistas motiva a valorização da moeda americana em relação a



Mesmo sem cortes de gastos, bolsa ainda exibe leve alta

outras divisas globais.

No mercado doméstico de câmbio, o dólar hoje fechou a sessão em alta de 0,59%, a R\$ 5,7695, após oscilar, ao longo do dia, entre máxima a R\$ 5,8164 e mínima a R\$ 5,7630.

O mercado também monitorou a divulgação da última

edição do Boletim Focus. A mediana do relatório para a cotação do dólar no fim de 2024 passou de R\$ 5,50 para R\$ 5,55. Um mês antes, era de R\$ 5,40. Já a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2024 subiu pela sexta semana

seguida de 4,59% para 4,62%, mantendo-se acima do teto da meta de inflação, de 4,50%.

Na Bolsa brasileira, os papéis da Vale (VALE3), de maior peso para o Ibovespa, terminaram o dia em queda de 3,27% e inibiram os ganhos do índice da B3 hoje. O contrato mais negociado do minério de ferro na Bolsa chinesa de Dalian, para janeiro de 2025, fechou em baixa de 2,87%, cotado a 762 yuans por tonelada, o equivalente a US\$ 106,14. Já em Cingapura, recuou 1,67%.

Entre os destaques positivos do dia, estiveram as ações da Cognia (COGN3), que dispararam 8,82%, com o mercado ainda reagindo positivamente ao balanço da empresa. A companhia registrou prejuízo líquido de R\$ 22 milhões no terceiro trimestre de 2024, uma redução de 71,6% ante o prejuízo o mesmo período de 2023, (R\$ 102,5 milhões).

Expectativa ‘freia’ a alta de futuros

Em mais um dia de espera pela divulgação do pacote de corte de gastos, os juros futuros estiveram em alta nessa segunda-feira (11) também de pressão sobre o câmbio, mas sem a referência do mercado de Treasuries, que não operou em função de feriado nos EUA. Na reta final da sessão, porém, o movimento perdeu fôlego e as taxas reduziram o ritmo, perto dos ajustes dos vencimentos de curto e longo prazo, com o

mercado realimentando esperanças de que a divulgação iminente das medidas.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 encerrou em 13,11%, de 13,09% no ajuste de sexta-feira, e a do DI para janeiro de 2027 fechou em 13,20%, de 13,13%. O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa em 12,97%, estável.

O miolo da curva foi novamente destaque na estrutura a

termo, com o mercado adicionando ainda mais prêmio diante do aumento dos riscos da não convergência da inflação para a meta e da trajetória fiscal se tornar um caminho sem volta. As taxas seguem rodando nas máximas desde março de 2023 e a ponta curta já indicava Selic terminal de 13,95% no meio da tarde.

Para a reunião de dezembro, os DIs apontavam 100% de chance de uma aceleração do

ritmo de alta para 0,75 ponto porcentual no Copom de dezembro e de 72% na reunião de janeiro, contra 18% de probabilidade de 0,5 ponto.

“Há toda uma ansiedade com relação ao pacote, sobre o tamanho e o que vem, se medidas mais paliativas ou estruturais. E tudo isso num cenário pior para emergentes desde a eleição americana”, afirma o chefe da mesa de operações do C6 Bank, Felipe Garcia.